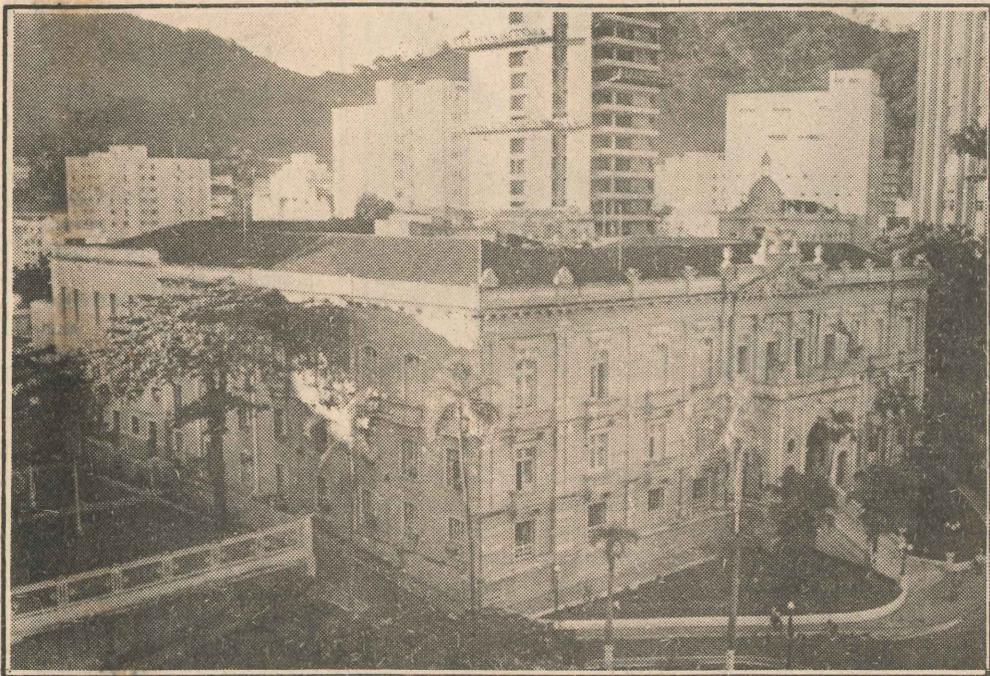


Arte & Lazer

Caderno Dois

VITÓRIA (ES), SEXTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1981

VITÓRIA ANTIGA



Palácio do Governo: resultado da descaracterização do Colégio dos Jesuítas e da Igreja de São Tiago.



Igreja de São Gonçalo: alterada pela grade de ferro recentemente colocada ao seu redor, pela placa do curso Pré-técnico União e pela placa de uma creche que funciona ao lado.



Desaparecendo sob modernos edifícios

AJ11-375

Em setembro próximo a cidade de Vitória completa 430 anos de idade. Constituindo-se na segunda mais antiga dentre as capitais do País, ela já não possui muita coisa que caracterize o seu passado. A cada dia que passa surgem novos e modernos edifícios, enquanto que as construções do século passado são demolidas, destruídas pelo tempo e pela falta de conservação.

A arquitetura religiosa é que mais sofreu neste processo de modernização, com as novas construções e reformulações. Os mais importantes patrimônios históricos do Espírito Santo, que hoje estão quase que totalmente descaracterizados, foram alvo de uma pesquisa de vários anos de Oscar de Almeida Gama Filho, que conta com o apoio da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan).

“É possível que daqui a alguns anos a gente só conheça Vitória através de fotografias, já que todas as construções e obras do passado estão sendo destruídas, descaracterizadas pela modernização”. A denúncia é de Oscar Gama, que há quatro anos vem estudando o assunto. Autor do livro **História do Teatro Capixaba: 395 anos**, a ser lançado brevemente, ele diz que o importante seria fazer a restauração desses prédios que ainda existem na cidade.

Fundada oficialmente a 8 de setembro de 1551, Vitória é a segunda mais antiga dentre as capitais brasileiras (precedeu Rio de Janeiro e São Paulo), só perdendo para Salvador. Nos primeiros anos do século XX, é que a cidade foi submetida a uma lenta e eficiente operação-demolição impulsionada pela sociedade capitalista e pelas idéias de modernização, progresso.

Nas administrações de Florentino Avidos e Jerônimo Monteiro, por exemplo, a ampliação da cidade e seu embelezamento foram metas importantes. E para que isto acontecesse, muitas obras antigas foram demolidas. “A administração de Florentino Avidos marcou o aparecimento do concreto armado, hoje — 1924 — já generalizada em tantas e tantas obras...” Este pequeno trecho foi retirado de um escrito do ex-governador, onde se pode constatar os seus planos de governo.

Sob o aspecto da preservação do patrimônio histórico, muita coisa se perdeu e muita coisa se descaracterizou, apagando da memória de Vitória os traços do período colonial. E com o objetivo de se tentar conservar e preservar a tradição do País é que surge, na década de 30, a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, em seu artigo primeiro, diz que “constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos



O edifício Glória foi a primeira obra revestida em cimento armado construída no Estado. Mas já perdeu grande parte de suas características.

memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Enfim, todas as obras históricas sob a proteção do Sphan têm que ser preservadas e a qualquer reforma ou modificação a Secretaria deve ser notificada. Caso contrário, a obra fica sujeita a embargo. A prática, porém, vem demonstrando que muitas pessoas não respeitam o órgão e atentados graves contra esses monumentos continuam sendo praticados.

Mas, como afirma Oscar Gama, o teatro Carlos Gomes, por exemplo, há algum tempo sofreu uma restauração pelo Governo Estadual que não correspondia aos moldes de seu criador e fundador, André Carloni.

Em sua pesquisa, ele enumera como sete os principais e mais importantes patrimônios que vêm sendo atingidos pelo progresso e pela padronização: o ex-Colégio do Carmo, o antigo Convento de São Francisco, os sobrados da rua Duque de Caxias e Jerônimo Monteiro, o prédio da ex-Fafi, o Palácio Anchieta, o edifício Glória e a igreja de São Gonçalo.

O ex-colégio do Carmo, que, como Convento do Carmo, foi fundado em 1591, hoje se encontra praticamente descaracterizado. No local, funciona o Curso Nacional e a arquitetura original praticamente inexistente. Mas o Curso Nacional é apenas o mais recente de seus descaracterizadores. Antes, muita coisa já havia se perdido.

O antigo convento de São Francisco, hoje igreja de São Francisco, teve sua construção iniciada em 1597. Mas de todos os atentados que sofreu, o mais grave não foi o cometido pela rádio Capixaba, que alterou toda a fachada do prédio, mas sim o praticado pelo padre Leandro Dell'uomo, que, no início do século XX, acabou com a estrutura interna do prédio do convento para ali criar o orfanato Cristo Rei, hoje funcionando em outro local. Nessa tarefa, segundo Oscar Gama, o padre Leandro não respeitou nem os restos mortais do franciscano Pedro Palácios, que jaziam no Convento de São Francisco, retirando-os daquele local e enviando-os para local incerto.

Os muitos prédios espalhados pela cidade e principalmente na rua Duque de Caxias, cujo primeiro andar é hoje constituído de lojas modernas, ainda permanecem com o segundo andar característico de suas construções iniciadas em fins do

século XIX ou no início do século XX. Na tentativa de modernizar estes sobrados, os proprietários fazem inúmeras reformas, descaracterizando-os totalmente. Seria interessante, lembra Oscar, que eles fossem conservados.

O prédio da ex-Fafi é outro que aos poucos está perdendo toda sua característica. Sua construção ocorreu no início do século — na época o colégio Gomes Cardim — e foi sede da efervescência cultural ocorrida em Vitória na década de 60. Hoje, muitas salas encontram-se desprovidas dos assoalhos, de suas calhas de cobre, de janelas e de algumas vigas. Muitas caíram, de maneira que o prédio pode até desabar a qualquer momento.

O atual Palácio Anchieta, do Governo do Estado, foi o resultado da descaracterização do colégio dos Jesuítas e da Igreja de São Tiago, ambos pertencentes ao século XVI e, posteriormente, transformados em um só prédio. As antigas paredes da igreja de São Tiago, inclusive, ainda existem no Palácio Anchieta. Oscar Gama lembra que é possível ali uma restauração, bastante para isto que o Governo deixe o local e favoreça pessoas capazes de realizar este trabalho.

O edifício Glória foi a primeira obra revestida em cimento armado e o primeiro edifício moderno do Estado inaugurado entre 1930 e 1931 e hoje, descaracterizado



O prédio da FAFI praticamente entregue ao abandono. Janelas quebradas, salas sem assoalho comprovam isto.

por uma enorme placa do curso Promove, pelo cine Glória (reformado em estilo diferente do restante do conjunto), por um salão de barbearia, uma loja de doces, etc. E por último, como um dos mais importantes patrimônios históricos ameaçados, consta na pesquisa de Oscar, a igreja de São Gonçalo, que remonta ao século XVIII, mas que teve descaracterizadores tão ilustres quanto o bispo Dom Fernando Monteiro, irmão dos governadores Bernadino e Jerônimo Monteiro. Também ele foi o responsável pela demolição da antiga igreja Matriz de Vitória, que se situava exatamente no local onde hoje é a Catedral de Vitória. Na igreja de São Gonçalo o monumento foi alterado pela grade de ferro recentemente colocada em todo o seu redor, pela placa do curso pré-técnico União e pela placa da creche que funciona ao lado.

Apesar de haver leis proibindo a construção de edifícios perto de prédios tombados pela Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afirma Oscar, estas leis nunca foram cumpridas aqui. Bem como nunca foram cumpridas as leis que impedem que os monumentos tombados pelo Sphan sofram alterações, prossegue ele. “Outros atentados ainda podem ser citados. Já não procuro me referir ao roubo de imagens antiquíssimas, pois sabe-se que elas ou estão no Espírito Santo, provavelmente na casa de figuras

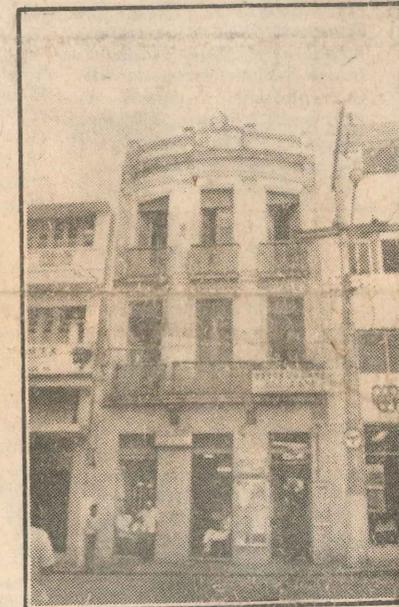
respeitáveis da nossa burguesia, ou foram vendidas em outros estados e incorporadas a outros acervos culturais. Entre tantas outras descaracterizações, pode-se citar ainda o Parque Moscoso, o Penedo e a antiga Prefeitura de Vitória, demolida inexplicavelmente na década de 70 para dar origem a uma área verde, e que resultou mais tarde numa outra praça de cimento”.

Muita coisa parece que foi esquecida, abandonada e nem mesmo as autoridades tomam providências. Na atual Praça Oito existia um obelisco construído em homenagem ao IV Centenário do Povoamento do Espírito Santo, mas foi substituído pelo relógio que quase nunca funciona. Isso sem falar no viaduto Caramuru, que em lugar dos antigos bondes, hoje possui um estacionamento de carros. Enfim, o que resta ainda das antigas construções do passado é muito pouco se levarmos em consideração a nossa tradição.

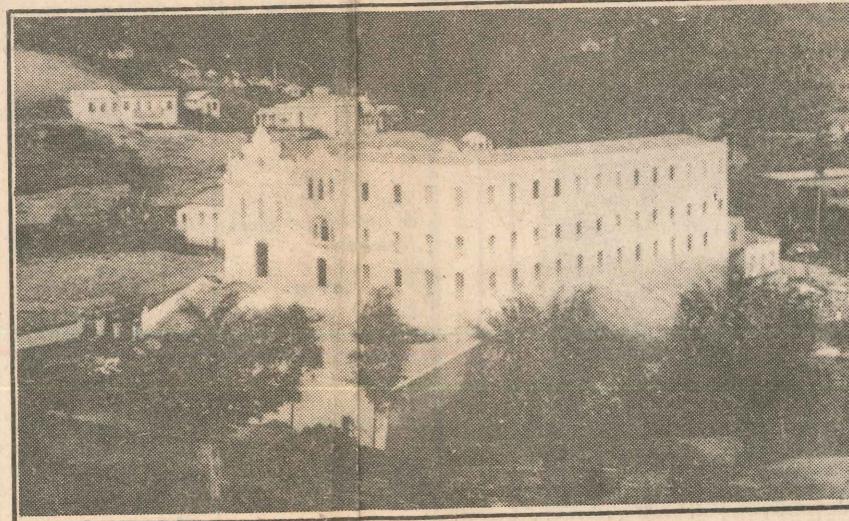
Numa crônica poética intitulada “Vitória, a Cidade que Foge”, Oscar Gama lança um apelo pela preservação do que resta hoje de um passado que está fugindo, ao mesmo tempo, como afirma o autor, em que também se tenta encontrar a personalidade da Vitória antiga, que está sendo demolida pelo progresso e pela padronização.



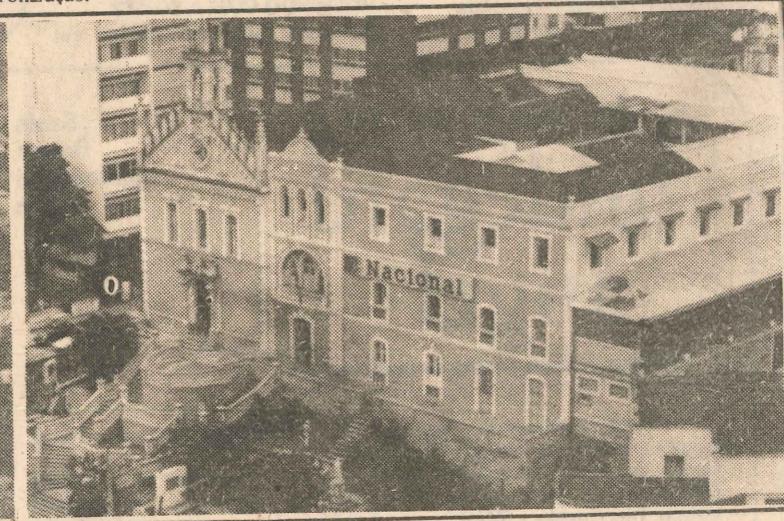
O antigo convento de São Francisco; atualmente ocupado pela rádio Capixaba.



Da Vitória antiga ainda restam alguns prédios com fachadas, sacada de ferro batido e portas altas.



O ex-colégio do Carmo hoje bastante descaracterizado



VITÓRIA, A CIDADE QUE FOGE

Porque as marcas de quatrocentos e trinta anos
subsistem sob o solo e nas sombras e nos segundos andares
de sobrados anciãos alicerçados por lojas comerciais;
Porque são quatrocentos e trinta anos,
Não quatrocentos homens nem quatrocentos e trinta ventos,
Mas quatrocentos e trinta anos que me empurram e que me levam
a passar por todo o supérfluo das lojas do primeiro andar
e as escadas subir e tocar em prostitutas Vitória do amar;
Tudo em teu corpo cicatricial me leva com 430 anos
a atravessar teus homens e seus desejos de hoje
com a espada silenciosa que uso para não os ouvir
e a seus desejos de novos carros,
E deste sangue despejado em formas
compor aquilo que foi demolido
pelos desejos não ouvidos de homens mais antigos
— e tão os mesmos —
que te pisaram também esquecidos.
Sim, e algo virá do sangue silencioso que agora já corre pelas ruas
mesclando-se ao meu em minhas artérias
mais concretas que as do asfalto que veda os buracos
por onde poderia brotar Vitória antiga do sangue que brotará
em mim, refugiada de tempos tão indignos dela,
Refugiada de tempos que nunca a mereceram
e à sua filosófica indiferença
pelo que passa — e tudo passa —
ao largo da alegria prazerosa
e de boa comida na pança,
E do sangue silencioso envolvido em muitas partidas para o mesmo

ponto.
Envolvido em partos ao avesso feitos dentro de cada artéria,
Vira múltipla brotada em mim a mulher que desceu dos morros
para invadir o mar com lugares por muito procriados,
Virá em mim o Solar dos Monjardim
passar pela mesma rua desmemoriada
em que ingressam a FAFI
e as oitocentistas casas 197 e 203 da Rua José Marcelino,
Passar por tijolos aposentados que estudaram no Maria Ortiz,
por tijolos aposentados que lecionaram no colégio do Carmo,
por aposentados que se curaram no Convento da Penha,
Aposentados lugares que vão todos os dias — menos domingo —
ao Parque Moscoso ouvir um samba inaudível que desce das favelas
às buzinas e invade casarões velhos sobreviventes
dos cancerígenos remédios que não respeitaram
os sujos sobrados da rua Duque de Caxias.
Aos domingos, no entanto, trabalham na Empresa Capixaba de
Turismo.
Trabalham de graça na mesma empresa que todos enriquecem,
com exceção dos aposentados e de muitas igrejas profanadas
pela mesma rádio Capixaba que invadiu a igreja de São Francisco
e pelo mesmo governo que instalou o seu neo-luxuoso palácio
na antiga igreja pré-barroca do pobre Santo Anchieta,
ambos demolidores — não de caos, que é eterno —
mas da beira de cais capixaba,
que sobrevive em antigas indústrias de sale e de pesca
fotografadas ao lado de tudo que foi demolido pelos irmãos hunos:
Bernadino
e Jerônimo Monteiro, que — junto com D. Fernando Bispo —

já-já exorcizo
para alívio das sombras que vêm envolvidas
e disfarçadas em livros perdidos e largados
que surgem voadores de prateleiras,
E que subitamente, quando abrem suas páginas solares,
Tornam-se carregadores de sombras
que deles são irradiadas
para um papel fotográfico que se impregna e se revela.
Mas não basta tua foto desnuda
de todos os espigões com que te revestiram,
É preciso — ó bela esquetejada — tomar as sombras
e inventar uma alma enxuta de todo corpo descrente
que não te toca enquanto não for mergulhado
no sangue silencioso de minhas artérias,
Enquanto não for restituída uma glória
que minta sobre a mentira de hoje:
A glória verdadeira de casarões-cogumelos
que lípidos cresceram do esterco e da miséria.
Teu povo olha para baixo, ó bela avoadada,
Envergonhado de ser igualado às outras massas,
logo pela destruição de teus primeiros passos,
Mas, sem base que os sustentem,
Os segundos andares dançam no espaço
Um balé desorbitado que levanta pescoços
Um balé em que pesados prédios libertos reconstroem a antiga cidade
erguendo nos braços — leves bailarinas do guardado —
estampas e letras inumanamente gravadas pelo passado.

OSCAR GAMA